

# OS USOS DA CONSTRUÇÃO É QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

João Bosco Figueiredo-Gomes (UERN)

[boscofigueiredo@yahoo.com.br](mailto:boscofigueiredo@yahoo.com.br)

Sandrely Carla da Silva Bezerra (UERN)

[sandrelycarla@hotmail.com](mailto:sandrelycarla@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

É sabido que ainda são obscurecidos os estudos sobre o item lexical SER, dada a sua multifuncionalidade, pela dificuldade de se propor uma definição satisfatória de sua natureza e suas funções nos seus diferentes usos.

Esta investigação consiste em fazer uma análise comparativa entre os usos da construção É QUE na língua falada e escrita das cidades de Natal/RN, Rio de Janeiro, Rio Grande e Juiz de Fora, com objetivo de ratificar a tipologia de Figueiredo-Gomes (2008) aplicada a dados do português escrito e de verificar a existência de outros usos.

Centrada no paradigma funcionalista que concebe a língua, portanto a gramática, como dinâmica, ou seja, as formas linguísticas tendem a acomodar-se às necessidades informacionais dos falantes, resultando em variações ou mudanças de itens lexicais ou construções, esta pesquisa analisa, sincronicamente, dados de textos reais do Português Contemporâneo, produzidos em situação específica de coleta, presentes nos *corpora* informatizados do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, de informantes da cidade de Natal/RN, Juiz de Fora/MG, Rio de Janeiro/RJ e Rio Grande/RS, que reúnem textos nas modalidades oral e escrita em diferentes gêneros.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos os estudos antecedentes sobre a construção É QUE. A segunda seção situa brevemente a orientação teórica. A terceira seção mostra os procedimentos metodológicos. Por fim, a quarta seção traz o estudo comparativo entre os quatro *corpora*, mostrando os usos do É QUE no português brasileiro.

## 1. Antecedentes

É notório o uso crescente, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, da construção É QUE dita “expletiva”. Tendo em vista o desencontro entre os estudiosos da língua sobre a origem, natureza e função dessa construção É QUE, Figueiredo-Gomes (2008) realizou um estudo pancrônico com o objetivo de descrever e explicar os diferentes usos, bem como suas origens, os processo(s)/ mecanismos e propriedades formais e funcionais que caracterizam a emergência dessa expressão como relativos a um processo de gramaticalização.

Para tanto, utilizou dados amostrais do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa* – COMTELPO, de Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), que reúne textos portugueses do Século XII ao Século XVIII e textos das 1ª e 2ª metades dos Séculos XIX e XX do português do Brasil (PB) e do português europeu (PE).

Os resultados empíricos desse estudo pancrônico parecem comprovar a hipótese de que, por meio de um processo de gramaticalização, o É QUE segue a trajetória ESPAÇO > TEXTO, partindo de significados mais concretos para outros mais abstratos no texto, resultante da reanálise do uso original trecentista de É O QUE > É QUE.

Quanto à emergência da expressão, Figueiredo-Gomes (2008) encontrou, nos dados da amostra relativa ao Século XVI, a primeira ocorrência do É QUE em posição inicial. Na posição medial, a construção É QUE ocorre a partir do Século XVII, em frases declarativas e exclamativas, e, somente na 1ª metade do Séc. XIX, em frases interrogativas.

Estabelecido esse percurso, a análise dos dados referentes às sincronias dos Séculos XIX e XX revelaram que a construção É QUE acumula as funções de marcador de ênfase e de marcador epistêmico de asseveração, realizando-se por meio dos tipos: Marcador Enfático-Explicativo/MEE, Marcador Enfático-Contrastivo/MEC e Marcador Enfático-Interrogativo/MEI, como apresenta (1):

(1)

a. MEE É QUE: operador que introduz e enfatiza um argumento relativo a enunciados anteriores, explicando-os ou esclarecendo-os.

Ex.: “É QUE a passageira da escada tem um buraco, e não vá a menina cair...” (COMTELPO, 2006, p.267 )

b. MEC É QUE: operador que assinala (ênfata) um argumento, dando uma certeza epistêmica a uma determinada conclusão, e contrasta-o com conteúdo(s) pressuposto(s).

Ex.: “Isso É QUE conhecer a Bíblia!” (COMTELPO, 2006, p. 187)

c. MEI É QUE: operador que enfatiza a busca da certeza epistêmica do argumento como resposta à informação desconhecida.

Ex.: “O que É QUE terá sido mais espetacular? (COMTELPO, 2006, p.28 )

Com o intuito de dar continuidade aos estudos sobre os usos do É QUE, este estudo tem como objetivo verificar se há, na língua falada e escrita do PB, o caráter multifuncional dessa construção que foi constatado por Figueiredo-Gomes (2008), no estudo pancrônico de textos escritos do PB e do PE.

Para tanto, utilizamos os usos do É QUE encontrados no D&G Natal/RN (FIGUEIREDO-GOMES; BERTULEZA, 2010) e realizamos o levantamento das ocorrências nos *corpora* D&G Rio Grande/RS, D&G Rio de Janeiro/RJ e D&G Juiz de Fora/MG, que juntos formam um conjunto de quatro bancos de dados, para, a partir daí, realizar uma análise comparativa entre as modalidades orais e escritas das quatro regiões elencadas, que pontilham o espaço geográfico brasileiro em três eixos no litoral.

## 2. Funcionalismo e Gramaticalização

Esta pesquisa foi desenvolvida, baseada no Funcionalismo Linguístico, que trabalha a variação e mudança nos processos comunicativos, a partir da língua em uso, na perspectiva adotada por Bolinger (1977), Du Bois (1985), Hopper (1987), Heine *et al.*(1991), Hopper; Traugott (1993; 2003), Givón (1995); Bybee (2010), e, no Brasil, por Martelotta *et al.* (1996), Furtado da Cunha *et al.* (2003), entre outros.

Com base nesses autores funcionalistas, partimos do pressuposto de que a língua é usada para satisfazer as necessidades comunicativas, e as suas estruturas devem ser examinadas com base no uso real a que elas se prestam. Assim, a língua é vista como um “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985), uma “estrutura maleável” (BOLINGER, 1977) e “emergente” (HOPPER, 1987), dado que está sujeita às pressões do uso, portanto, propensa à gramaticalização.

Concebemos a gramaticalização como “o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.xv), partindo de um significado mais concreto para um mais abstrato. Bybee (2010) ressalta que, mais recentemente, tem sido observado que a gramaticalização de

itens lexicais está ocorrendo dentro de construções particulares, criando, assim, novas construções.

Então, corroborando os achados de Figueiredo-Gomes (2008), consideramos o É QUE como uma construção resultante do processo de gramaticalização.

### 3. Procedimentos Metodológicos

Para esta investigação, fizemos o levantamento e comparação dos seus usos, a partir de amostras textuais do Português Contemporâneo encontradas nos *Corpora Discurso & Gramática*, coletados nas cidades do Rio Grande/RS, Juiz de Fora/MG, Rio de Janeiro/RJ e Natal/RJ.

Analisamos os enunciados em que havia os usos do É QUE, em depoimentos versados nos cinco gêneros textuais orais e escritos: narrativa de experiência pessoal (NEP), narrativa recontada (NAR), descrição de local (DEL), relato de procedimento (REP) e relato de opinião (ROP), sendo que um mesmo informante oferece 10 textos, que são distribuídos proporcionalmente por sexo e pela escolaridade – Alfabetização – A (6-8 anos); 4ª série do Ensino Fundamental – Q (9-12 anos); 8ª série do Ensino Fundamental – O (13-17 anos); 3ª série do Ensino Médio – M (18-22 anos) e Ensino Superior – S (23-28 anos).

Utilizamos o programa *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS (NIE; HULL; BENT [1968] 2007), para aferir e cruzar as variáveis: função do É QUE, gênero, canal, escolaridade (idade) do informante e região. Com base nos dados quantitativos, analisamos qualitativamente as ocorrências da construção É QUE.

### 4. Os usos do É QUE no Português Brasileiro

Nesta seção, apresentamos os resultados da investigação, descrevendo os usos do É QUE segundo o gênero, canal, escolaridade (idade) do informante, divididos por região.

Inicialmente, fizemos um levantamento da frequência dos usos da construção É QUE nos quatro *corpora* D&G, como mostra a Tabela 1.

**Tabela 1: Frequência da construção É QUE nos corpora D&G**

É QUE D&G	MEE		MEC		MEI		Total		Geral
	O	E	O	E	O	E	O	E	
Natal	13	-	30	-	49	-	92	0	<b>92</b>
Rio de Janeiro	8	3	20	3	27	1	55	7	<b>62</b>
Juiz de Fora	7	-	4	-	7	-	18	0	<b>18</b>
Rio Grande	2	-	-	2	12	-	14	2	<b>16</b>
Total	30	3	54	5	95	01	<b>188</b>		
	<b>33/17,6%</b>		<b>59/31,4%</b>		<b>96/51%</b>				

Segundo os dados da Tabela 1, em todas as regiões há o uso da construção É QUE, entretanto, na modalidade escrita, há pouca ocorrência no Rio de Janeiro e no Rio Grande e não ocorre em Natal/RN e em Juiz de Fora/MG. Já na modalidade oral, há maior ocorrência em Natal e no Rio de Janeiro. No tocante ao tipo, há uma gradência nos usos: MEE (17,6%) > MEC (31,4%) > MEI (51%), cuja frequência acompanha a emergência da construção, segundo os achados de Figueiredo-Gomes (2008): Século XVI > Século XVII > Século XIX, respectivamente.

#### 4.1 D&G NATAL/RN

A Tabela 2 mostra os usos da construção É QUE na modalidade oral na cidade de Natal, apresentando a frequência segundo a escolaridade e o gênero. Não houve registro de usos na modalidade escrita.

**Tabela 2: Uso Oral do É QUE segundo a escolaridade e o gênero no D&G NATAL**

Escolaridade	Gênero	MEE	MEC	MEI	TOTAL	
Quarta EF	NEP	1	-	-	1	3/ 3,2%
	DEL	-	-	1	1	
	ROP	-	1	-	1	
Oitava EF	NAR	-	-	2	2	10/ 10,9%
	DEL	1	-	1	2	
	REP	1	-	-	1	
	ROP	2	1	2	5	
Ensino Médio	NEP	-	4	7	11	33/ 35,9%
	NAR	-	3	2	5	
	DEL	-	-	1	1	
	REP	3	4	-	7	
	ROP	1	3	5	9	
Ensino Superior	NEP	-	2	11	13	46/ 50%
	NAR	1	4	5	10	
	DEL	-	2	1	3	
	REP	1	3	3	7	
	ROP	2	3	8	13	
<b>TOTAL</b>		<b>13/14,1%</b>	<b>30/32,6%</b>	<b>49/53,3%</b>	<b>92</b>	

Fonte: Adaptação de Figueiredo-Gomes; Bertuleza (2010, p.51)

Conforme os dados da Tabela 2, ocorrem todos os três tipos de É QUE na cidade do Natal, cuja frequência é proporcional a tendência dos *corpora*: MEE (14,1%) < MEC (32,6%) < MEI (53,3%). No tocante à escolaridade, embora não haja ocorrência do É QUE na Alfabetização, há uma gradiência nos usos por nível: Quarta EF (3,2%) < Oitava EF (10,9%) < EM (35,9%) < ES (50%), ou seja, quanto maior o nível de escolaridade maior o uso do É QUE.

Quanto ao gênero, há a presença do É QUE nos gêneros Descrição de Local e Relato de Opinião em todos os níveis de escolaridade. Os três tipos ocorrem concomitantemente no Relato de Opinião da Oitava EF, do Ensino Médio e do Ensino Superior. Somente no Ensino Médio e no Ensino Superior, há o É QUE em todos os gêneros, com destaque para a ocorrência dos MEI na Narrativa de Experiência Pessoal, como ilustramos em (2), e no Relato de Opinião, tanto no Ensino Superior quanto no Ensino Médio.

(2) Contexto: Vida do nordestino

... a gente vê que nos interiores ... quando chega a época de eleição ... *o que é que faz?* podem ter duas pessoas boas candidatas ... que acontece o seguinte ... eles compra o voto ... (010-SF3-071-087- ROP)<sup>1</sup>

Em (2), a informante expõe sua opinião sobre o processo de eleição nas cidades do interior do nordeste. Em seguida, ela indaga: “quando chega a época de eleição... *o que é que faz?*”. O escopo de É QUE recai sobre o termo que o antecede “*o que*”, pronome interrogativo, e está sendo usado para buscar a certeza da resposta desconhecida para essa informante, no caso, a verdade sobre a compra de votos dos eleitores pelos políticos no nordeste. Na amostra (2), o É QUE funciona como Marcador Enfático-Interrogativo, ou seja,

<sup>1</sup> Número da ocorrência; escolaridade; sexo; informante; número da linha; página; gênero.

um operador que enfatiza a busca da certeza epistêmica do argumento como resposta à informação desconhecida. O **É QUE**, já cristalizado em um único morfema, geralmente, aparece, com a função MEI, em construções maiores, depois de seu escopo que recai sobre o pronome interrogativo (PI) ou Advérbio interrogativo (AdvI), e seguida pelo verbo núcleo do predicado (V), donde há registros nos quatro *corpora* de construções: PI ( $\pm$  SN) ( $\pm$  SP) / AdvI + **É QUE** + V ....

Em segundo lugar, ocorrem os MEC em todos os gêneros. Já os MEE ocorrem mais no Relato de Procedimento do Ensino Médio e no Relato de Opinião da Oitava EF e do Ensino Superior, respectivamente.

#### 4.2 D&G RIO DE JANEIRO

Registramos o uso do **É QUE** no Rio de Janeiro tanto na modalidade oral como na modalidade escrita.

Analisemos, inicialmente, o **É QUE** na modalidade oral que, conforme os dados da Tabela 3, ocorre em todos os níveis de escolaridade, embora com apenas dois usos na Alfabetização.

**Tabela 3: Uso Oral do É QUE segundo a escolaridade e o gênero no D&G RIO DE JANEIRO**

Escolaridade	Gênero	MEE	MEC	MEI	TOTAL	
Alfabetização	NEP	1	1	-	2	2/3,2%
	NAR	-	-	-	-	
Quarta EF	NEP	-	-	1	1	6/ 10,9%
	NAR	-	1	-	1	
	REP	-	-	2	2	
	ROP	-	-	2	2	
Oitava EF	NEP	3	2	1	6	11/ 20%
	REP	2	-	1	3	
	ROP	-	2	-	2	
Ensino Médio	NEP	-	-	2	2	6/ 10,9%
	NAR	-	2	-	2	
	ROP	-	1	1	2	
Ensino Superior	NEP	1	-	-	1	30/ 54,5%
	NAR	-	1	5	6	
	DEL	-	1	2	3	
	REP	-	2	3	5	
	ROP	1	7	7	15	
<b>TOTAL</b>		<b>8/15%</b>	<b>20/36%</b>	<b>27/49%</b>	<b>55</b>	

Podemos verificar, na Tabela 3, que há um maior uso do **É QUE** no Ensino Superior (54,5%), seguido pela Oitava EF (20%) e, com a mesma quantidade (10,9%), a Quarta EF e o Ensino Médio.

A gradiência nos usos de **É QUE** segue a mesma tendência da frequência dos tipos preferenciais de Natal: MEE (15%) < MEC (36%) < MEI (49%), que ocorrem em todos os gêneros e, preferencialmente, na Narrativa de Experiência Pessoal e no Relato de Opinião, com ocorrência dos três tipos na Oitava EF e no Ensino Superior, respectivamente. Em (3), apresentamos uma amostra do **É QUE** como Marcador Enfático-Contrastivo no Relato de Opinião. É também no Relato de Opinião que ocorrem mais MEC e MEI no Ensino Superior.

(3) *Contexto*: Política e Educação

a mensagem que os políticos passam... é propriamente essa... entendeu? porque... infelizmente... ou felizmente... eu não posso lhe dizer... pra nossa sorte... o futuro do país... pô... quem faz... entendeu? somos nós... *porque nós é que...* botamos as pessoas... em quem nós confiamos lá... entendeu? (SM2-119-ROP-57- MEC)

Em (3), o informante, relatando sua opinião sobre a educação como ferramenta do desenvolvimento, apresenta como problemática os políticos e a escolha deles pelos eleitores. No caso, por meio do construção É QUE, ele enfatiza o sujeito “nós”, ao mesmo tempo em que contrasta “nós” e não os outros quem escolhe os políticos, asseverando sua certeza epistêmica. Assim, a construção É QUE funciona como Marcador Enfático-Contrastivo, ou seja, como um operador que enfatiza um argumento, dando uma certeza epistêmica a determinada conclusão, e contrasta-o com conteúdo(s) pressuposto(s). Com essa função, o É QUE, uma construção também já cristalizada em um único morfema, realiza-se sempre antes do verbo núcleo do predicado, tendo como escopo o sintagma anterior, SN ou o SP, topicalizado, que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo ou adjunto adverbial, em construções registradas nos quatro *corpora* como: SN / SP + É QUE + V ...

Na modalidade escrita do Rio de Janeiro, ocorrem os três tipos de É QUE, como podemos ver na Tabela 4, que, embora com pequena frequência, fazem-se presentes nos níveis de escolaridade da Quarta EF até o Ensino Superior, variando de uma a três ocorrências.

**Tabela 4: Uso Escrito do É QUE segundo a escolaridade e o gênero no D&G RIO DE JANEIRO**

Escolaridade	Gênero	MEE	MEC	MEI	TOTAL	
Quarta EF	REP	-	-	1	1	1/14,3
Oitava EF	NEP	2	-	-	2	2/28,6 %
Ensino Médio	NEP	-	1	-	1	1/14,3 %
Ensino Superior	DEL	-	1	-	1	3/42,8 %
	REP	1	-	-	1	
	ROP	-	1	-	1	
<b>TOTAL</b>		<b>3/42,8%</b>	<b>3/42,8%</b>	<b>1/14/3%</b>	<b>7</b>	

Segundo os dados, não houve registro do É QUE em Narrativas Recontadas. Já, no gênero Narrativa de Experiência Pessoal, o É QUE ocorre duas vezes como MEE na Oitava EF.

#### 4.3 D&G JUIZ DE FORA

Os dados da Tabela 5 mostram o uso oral do É QUE no *corpus* D&G Juiz de Fora/MG, posto que não houve ocorrências dessa construção na modalidade escrita. Embora com pouca frequência, a tendência de uso diferencia dos *corpora* anteriores, apresentando: MEC (21%) < MEE (37%) < MEI (42)%, registrada em todos os níveis de escolaridade.

**Tabela 5: Uso Oral do É QUE segundo a escolaridade e o gênero no D&G JUIZ DE FORA**

Escolaridade	Gênero	MEE	MEC	MEI	TOTAL	
Alfabetização	NEP	1	-	-	1	3/15%
	NAR	1	-	-	1	
	DEL	-	-	1	1	
Quarta EF	DEL	-	-	1	1	2/13%
	ROP	-	-	1	1	
Oitava EF	NEP	1	-	1	2	5/26%
	NAR	1	-	-	1	
	DEL	1	1	-	2	
Ensino Médio	NEP	1	1	-	2	6/31%
	NAR	-	-	2	2	

	<b>REP</b>	-	1	1	<b>2</b>	
<b>Ensino Superior</b>	<b>DEL</b>	1	1	-	<b>2</b>	<b>3/15%</b>
	<b>ROP</b>	-	-	1	<b>1</b>	
<b>TOTAL</b>		<b>7/37%</b>	<b>4/21%</b>	<b>8/42%</b>	<b>19</b>	

Como podemos observar na Tabela 5, houve um uso maior do É QUE na função de MEE, conforme apresentamos em (4):

(4) *Contexto*: Viagem da irmã para Portugal

**E**: você falou sobre um irmão seu... irmã sua contou... né?

**I**: *é... que ela tinha ido a:: Portugal lá na Europa... então o sobrinho dela/ a família... a família dela... é de::... família portuguesa... então o::... o cunhado dela... irmão do marido dela... havia/ tinha ido numa loja junto com dela... que ele queria comprar bala... eu acho que era até pros meus sobrinhos... (OM10-01-NAR-67-MEE)*

Na amostra (4), o entrevistador, direcionando a conversa para uma Narrativa Recontada, sugere ao garoto falar sobre a irmã. Então, o garoto introduz sua fala por meio da construção É QUE, a fim de esclarecer algo sobre a irmã, ou seja, esclarecer a informação sugerida no enunciado anterior. Desse modo, o É QUE Marcador Enfático Explicativo funciona como um operador que introduz e enfatiza um argumento relativo a enunciados anteriores, explicando-os ou esclarecendo-os. Essa construção presente nos quatro *corpora* ocorre sempre em início de frase, depois de pausa ou conector interfrástico.

#### 4.4 D&G RIO GRANDE

A menor frequência da Construção É QUE na modalidade oral é registrada nos dados do *corpus* D&G Rio Grande/RS. Não houve ocorrência do MEC e, mais uma vez, registramos a tendência de uso crescente do MEI, conforme apresenta a Tabela 6.

**Tabela 6: Uso Oral do É QUE segundo a escolaridade e o gênero no D&G RIO GRANDE**

Escolaridade	Gênero	MEE	MEI	TOTAL	
<b>Alfabetização</b>	<b>NEP</b>	1	-	1	<b>2/14%</b>
	<b>DEL</b>	-	1	1	
<b>Oitava EF</b>	<b>ROP</b>	-	1	1	<b>1/7%</b>
<b>Ensino Médio</b>	<b>NEP</b>	-	1	1	<b>6/43%</b>
	<b>NAR</b>	1	1	2	
	<b>REP</b>	-	1	1	
	<b>ROP</b>	-	2	2	
<b>Ensino Superior</b>	<b>NEP</b>	-	5	5	<b>5/36%</b>
<b>TOTAL</b>		<b>2/14%</b>	<b>12/86%</b>	<b>14</b>	

Já na modalidade escrita, garimpamos duas ocorrências do É QUE como Marcador Enfático-Contrastivo no Ensino Médio: 01 Narrativa de Experiência Pessoal e 01 Relato de Procedimento. Na amostra (5), ilustramos o uso no Relato de Procedimento escrito.

(5) *Contexto*: Exercícios Vocais

Primeiro você coloca todo o ar existente para fora, em seguida você inspira mandando o ar para barriga, após você contrai o abdômem abaixo do umbigo como se estivessem puchando uma cordinha por (de)trás das suas costa nesta mesma linha, isto é o que nós chamamos de apoio na técnica vocal, *este apoio é que vai sustentar as notas a serem entoadas*, que permitira a passagem direta pelas cordas vocais sem forçar a garganta (MF5-08-REPE-40-MEC)

Em (5), a construção É QUE enfatiza a informação presente no sujeito “*este apoio*”, pressupondo, assim, um contraste e asseverando sua certeza epistêmica.

## CONCLUSÃO

Os resultados empíricos confirmam os usos da construção *É QUE* na língua falada das quatro regiões, que acumulam as funções de marcador de ênfase e de modalizador epistêmico de asseveração, realizando-se por meio dos tipos: Marcador de Enfático-Explicativo, Marcador Enfático-Contrastivo e Marcador Enfático-Interrogativo. Na língua escrita, só há registro do *É QUE*, com baixa frequência, nos *corpora* do D&G/Rio de Janeiro e do D&G/Rio Grande.

Os usos da construção *É QUE* na língua falada corroboram os achados de Figueiredo-Gomes (2008) na língua escrita do PB e do PE. Cremos que a ausência dos usos na escrita em Natal e em Juiz de Fora e a baixa frequência no Rio de Janeiro e no Rio Grande se deem pelo volume textual bastante reduzido que se diferencia da extensão do volume da língua falada.

Além disso, os dados não revelam diferentes usos, mas mostram uma tendência de maior uso do *É QUE* Marcador Enfático-Interrogativo nos quatro *corpora*, apontando para uma possível especialização dessa construção que deve ser constatada nas outras regiões do português do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BOLLINGER, D. **The form of language**. London: Logman, 1977.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.p.343-65.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B. **O percurso de gramaticalização do “é que”**: um estudo panorâmico. Fortaleza, 2008. Tese – Universidade Federal do Ceará-Brasil.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; PENA-FERREIRA, E. (orgs.) **Corpus mínimo de textos da língua portuguesa – COMTELPO**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEECAPES, 2006. (mimeo).
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; BERTULEZA, C.D.S **Os usos de É QUE e É O QUE na língua falada e escrita da cidade de Natal-RN**. Açu/RN: DL/UERN/CAWSL, 2010. Relatório PIBIC/UERN/CNPq.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **BLS 13**:139-157, 1987
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.



MARTELOTTA, M. E. ; VOTRE, S. J. ; CEZARIO, M. M.(orgs.) **Gramaticalização no português: uma abordagem funcional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

NIE, N. H.; HULL, C.; BENT, D. H. **SPSS Inc.** <http://www.spss.com> ([1968] 2007).

VOTRE, S.; RIOS DE OLIVEIRA, M. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

VOTRE, S.; RIOS DE OLIVEIRA, M. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio Grande/RS.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 199-.

VOTRE, S.; RIOS DE OLIVEIRA, M. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 199-.